

A RECONFIGURAÇÃO IDENTITÁRIA DO QUILOMBO SUTIL ENTRE TRADIÇÃO E CONTEMPORANEIDADE

Área Temática:

Cultura

Coordenador(a) da atividade: Elizabeth S. de SOUZA

Deisy Anne Coimbra de ARAUJO[1]; Guilherme Schiebelbein MONGRUEL; Emanuel Balbino PINHEIRO; Elizabeth JOHANSEN.

Projeto de Extensão:

Nas trilhas do Quilombo do Sutil: memória, identidade e patrimônio cultural

Resumo: Este trabalho analisa a reconfiguração identitária do Quilombo Sutil, localizado em Ponta Grossa (PR), enfatizando a relevância da memória coletiva como instrumento de resistência cultural, afirmação de identidade e sentimento de pertencimento. A pesquisa desenvolveu-se no contexto de projetos de extensão da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), que possibilitaram a aproximação direta com a comunidade e o reconhecimento de seus saberes e práticas tradicionais. A metodologia adotada combinou levantamento bibliográfico, análise documental, registros de campo e entrevistas com moradores, dando atenção especial às lideranças locais.

Palavras-chave: Quilombo do Sutil. Ponta Grossa. Identidade.

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta uma pesquisa que só foi possível pela experiência no projeto de extensão *"Nas trilhas do Quilombo do Sutil: memória, identidade e patrimônio cultural*, desenvolvido no âmbito do curso de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e em parceria com o projeto *"Olhar, Ver, Criar e Fazer: oficina prática para*

[1] Apresentador (a).

identificar patrimônios culturais das comunidades", coordenado pela pesquisadora e gestora cultural Marcela Cristina Bettega com o financiamento do Edital 008/2023 da Lei Paulo Gustavo (SEEC-PR).

Essa pesquisa aborda a ressignificação do conceito de quilombo no Brasil. Inicialmente visto como um refúgio de escravizados no século XIX, o termo evoluiu para uma categoria de reconhecimento de comunidades auto identificadas pela ancestralidade e territorialidade após a Constituição de 1988 (CARDOSO, 2010). O foco deste trabalho é o Quilombo Sutil, em Ponta Grossa (PR), propõe-se a analisar suas estratégias de reconfiguração identitária por meio da memória coletiva. A pesquisa investiga a relação entre a memória da escravidão e a formação identitária no Sutil, a autopercepção da comunidade e a natureza da sua identidade, se já estabelecida ou em contínua construção.

A memória da escravidão é "uma ferida aberta, uma marca social profundamente silenciada e estigmatizada" (MATTOS, 2003). No entanto, a memória é vista como uma reconstrução ativa, utilizada como recurso político e de pertencimento, e não como uma simples recordação factual. Sendo assim, ela permite a identidade ser um processo de construção e negociação (POLLAK, 1992). A memória, no contexto do Quilombo Sutil, transcende o registro do passado. Ela é uma ferramenta dinâmica que reconstrói a história e a identidade, podendo ser reinterpretada e moldada pela vivência presente. Entretanto, deve-se ressaltar que a reconstrução da memória no Sutil ocorre de forma fragmentada, devido ao silêncio imposto por autoridades e à dificuldade de transmissão entre gerações (COIMBRA, 2025).

A identificação da comunidade como remanescente quilombola, mesmo que tardia, é vista como consequência direta dessa memória resgatada, inserida em um processo político mais amplo de reparação histórica e valorização da diversidade étnico-racial no Brasil. Destaca o racismo estrutural e as estratégias de apagamento das comunidades negras na historiografia do Paraná (MEZZOMO; SEMPREBOM, 2013). Ao trazer à tona a invisibilidade dessas comunidades, o trabalho contribui para a valorização da população negra e quilombola e para a crítica a narrativas que privilegiam a história da imigração europeia.

OBJETIVOS

Investiga-se a intersecção entre a memória da escravidão e a formação da identidade, examinando como essa memória, muitas vezes "silenciada e estigmatizada", transforma-se em ferramenta ativa e política para a construção de uma identidade étnico-racial e territorial. Além disso, busca-se ainda compreender como a comunidade se percebe como remanescente quilombola, considerando as tensões surgidas durante o processo de reconhecimento oficial.

METODOLOGIA

No primeiro momento, foram realizadas duas visitas ao quilombo, durante as quais foi possível, utilizando a metodologia de história oral de Verena Alberti, que consistiu em demarcar que os entrevistados seriam os moradores do Sutil, que o roteiro seria flexível em estilo de conversa, e antes da entrevista obter o consentimento do entrevistado para a utilização da mesma no projeto ao até mesmo em projetos posteriores (ALBERTI, 2005). Esse processo resultou em entrevistas com dois moradores líderes locais, sobre as questões basilares do projeto de extensão. Em seguida, a análise de três diários de campo principais escritos por alunos e professores que participaram das visitas que foram disponibilizados via Classroom, em adição aquilo que fora relatado nas entrevistas, possibilitou aprofundar os resultados por meio do cruzamento de informações.

A metodologia baseou-se na articulação entre levantamento bibliográfico, análise documental e integração de fontes orais. Inicialmente, realizou-se a busca e seleção de bibliografia especializada sobre quilombos, identidade e memória, com ênfase em autores que discutem o conceito de quilombo, a ressignificação histórica e a construção identitária no Brasil, esse levantamento foi feito primeiramente no próprio Classroom da matéria de Pesquisa em História IV, sendo os textos bases dados pela professora sobre a oralidade, e em um segundo momento perante as questões de identidade e quilombo foi feita uma busca online, como no Google Acadêmico. Esse referencial teórico serviu como base para a

interpretação dos dados coletados. Também incorporou fontes orais, a partir de entrevistas com moradores da comunidade, que consistiu no método qualitativo, que se diferenciam da oralidade cotidiana. Que nesse caso assumiu a forma de Tradição Oral (OLIVEIRA; OLIVEIRA; CORRÊA, 2021). A entrevista buscou pelo planejamento, escuta atenta e ambiente acolhedor. Após a gravação, o relato foi transcrito ou adaptado, analisado criticamente quanto à memória e ao contexto (OLIVEIRA; OLIVEIRA; CORRÊA, 2021).

Dessa forma, a metodologia adotada buscou equilibrar teoria e experiência, promovendo um diálogo entre a produção acadêmica e o conhecimento vivido pelos quilombolas, e assim melhorar os resultados da pesquisa.

RESULTADOS

A pesquisa evidencia que a principal conquista foi a ressignificação do conceito de quilombo no Brasil, cuja redefinição possibilitou novas formas de reconhecimento jurídico, político e social para as comunidades remanescentes. Essa mudança, entretanto, não ocorreu sem tensões: muitos moradores, por desconhecimento de sua história ou pela dependência construída em relação a antigos proprietários, resistiram à titulação das terras. Soma-se a isso a memória da escravidão — marcada por silenciamentos e lacunas — que dificultou a construção de uma identidade coletiva mais sólida, revelando os desafios históricos da luta por direitos e pela afirmação da memória quilombola. Outro aspecto importante é a diferença geracional existente dentro do Quilombo Sutil. Enquanto os mais velhos tendem a valorizar e reafirmar a identidade quilombola (NEIVA, 2025), muitos jovens, embora se reconheçam como negros pertencentes a uma comunidade remanescente, evitam se autodeclarar quilombolas (SANTOS, 2017). Essa postura revela tensões na auto identificação e indica que a identidade quilombola não é estática, mas sim dinâmica, fluida e constantemente negociada. A evasão dos mais jovens em busca de oportunidades profissionais e sociais fora da comunidade também representa um desafio adicional (SANTOS, 2017), pois fragiliza a continuidade de práticas culturais e a transmissão de memórias entre gerações.

O Quilombo Sutil ilustra a complexidade das comunidades quilombolas brasileiras, em

que a memória, ainda que marcada por lacunas e silenciamentos, é utilizada como ferramenta essencial para a reconstrução da história, a afirmação identitária e a disputa por direitos. Dessa forma, o Sutil continua em processo de construção identitária, e lideranças como Dona Neiva preservam narrativas e símbolos do passado, fortalecendo vínculos de ancestralidade e mantendo viva a consciência de resistência.

O presente trabalho e resultados apresentados só foram viáveis por conta da relação entre pesquisa e extensão, sendo fundamental no contexto acadêmico e social, especialmente quando se trata de comunidades tradicionais, como as quilombolas. Ao levantar dados históricos, sociais e culturais, permite compreender de forma crítica a realidade dessas comunidades, revelando processos de invisibilização, resistência e reconstrução identitária. Já a extensão universitária atua como ponte entre o conhecimento produzido na universidade e a vida prática da comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A equipe avalia que o desenvolvimento deste trabalho representou uma experiência significativa de aprendizado acadêmico e social, a participação em atividades de extensão permitiu aproximar a universidade da comunidade, valorizando saberes locais e possibilitando a compreensão mais ampla da realidade quilombola. Entre as principais motivações que sustentaram a pesquisa destacam-se a necessidade de dar visibilidade a comunidades historicamente silenciadas e a importância de compreender a memória como ferramenta ativa de resistência e pertencimento. Entretanto, também foram encontrados desafios relevantes, como a dificuldade de acesso a registros documentais, a fragmentação das memórias e a evasão dos jovens da comunidade.

APOIO

Agradecemos à senhora Neiva, representante da Comunidade Remanescente Quilombola do Sutil, pela autorização para a realização das entrevistas e registros fotográficos; à Profª Marcela Bettega, coordenadora do projeto “Olhar, Ver, Criar e Fazer”; à Profª Elizabeth

Santos de Souza, pelo apoio e orientação; à Profª Emilly Joyce Oliveira Lopes Silva; à Profª Elizabeth Johansen, coordenadora do curso de Bacharelado em História; à Profª Lorena Zomer; à Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), como instituição promotora; à Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Culturais (PROEX/UEPG), pelo fomento e suporte institucional; e à Comunidade Remanescente Quilombola do Sutil, pela acolhida e colaboração durante o desenvolvimento das atividades.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Como usar fontes orais na pesquisa histórica.** In: PINSKY, Carla (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 171-191.

CARDOSO, Luís Fernando. **Sobre imagens e quilombos: notas a respeito da construção da percepção acerca das comunidades quilombolas. Revista da ABPN**, v. 2, n. 4, p. 93-115, 2010.

COIMBRA, Deisy Anne A. **Diário de campo: visita ao Quilombo Sutil. Ponta Grossa, 26 abr. 2025.** *Diário de campo* (Bacharelado em História) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2025.

MATTOS, Hebe M. Novos quilombos: metamorfoses étnicas e a difícil memória da escravidão no Brasil. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 213-235, 2003.

MEZZOMO, Frank; SEMPREBOM, Roselene. Experiências da escravidão e formação de comunidades quilombolas no Paraná. **Revista Vernáculo**, Curitiba, n. 31, p. 143-165, 2013.

NEIVA. **Primeira entrevista concedida a Marcela Cristina Bettega em 26 de abril de 2025**. Ponta Grossa. Duração: 1h37min07s.

OLIVEIRA, Anny Carolina de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; CORRÊA, Avani Maria de Campos. **A história oral: uma metodologia de pesquisa qualitativa.** Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 63-77, 2021.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

SANTOS, Merylin Ricieli dos. Jovens da Comunidade Remanescente Quilombola da Colônia Sutil e suas perspectivas externas. In: **SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE**, 2017.